

A FORMAÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL NA CULTURA RUSSA

Elena Vassina*

Resumo: A partir do estudo de Literatura de Testemunho produzida na Rússia sobre o Brasil, o presente ensaio procura definir alguns traços característicos no processo de formação da imagem do Brasil na literatura e cultura russa e sugerir abordagem semiótica a análise da configuração desta imagem e de sua evolução no contexto de diálogo intercultural.

Palavras-chaves: literatura russa, imagem do Brasil, literatura comparada, semiótica de cultura

Abstract: Based on the studies of the Literature of Testimony produced in Russia about Brazil, this essay attempts to define some characteristic features in the process of formation of the image of Brazil in Russian literature and culture and propose a semiotic approach to analysis of the configuration of this image and its evolution in the context of intercultural dialog.

Key words: Russian Literature, Image of Brazil, Comparative Literature, Semiotics of Culture

“Any representation of cultural relations is a representation of a cultural confrontation; and the author’s own cultural values and presuppositions are inevitably involved in this confrontation. There is, in other words, always a degree of subjectivity (auto-image) involved in the representation of another culture. This unavoidable degree of subjectivity is one of the main differences between an “image” and objective information.”

Joep Leerssen

Recentemente, em 2004, em Moscou, foi publicado o livro “Rússia e Brasil: 200 anos do conhecimento. Testemunhos dos viajantes, cientistas, diplomatas, artistas e escritores russos”.¹ Sua autora, Liudmila Burmístrova, fez um trabalho gigantesco para pesquisar e reunir nesta coletânea um impressionante *corpus* de Literatura de Testemunho produzida na Rússia sobre o Brasil. São relatos e diários de viagens, ensaios etnográficos e geográficos, cartas e memórias, artigos jornalísticos e impressões dos destacados artistas russos, de todos aqueles (na verdade, dos pouquíssimos “escolhidos”!) que tiveram sorte de pisar nas terras brasileiras e ver

* Professora Doutora na Área de Letras Russas do Departamento de Letras Orientais da FFLCH – USP.

1. Burmistrova, Liudmila. *Rossia i Brazíliia. 200 let znakomstva*. (“Rússia e Brasil: 200 anos do conhecimento. Testemunhos dos viajantes, cientistas, diplomatas, artistas e escritores russos”). Moscou.: Rudomino, 2004

com seus próprios olhos o Brasil que para sempre ficou associada na mentalidade russa com a imagem de país² - paraíso terrestre.

I. A Imagem do Brasil formada pelo “distanciamento exótico e de cunho legendário”

De uma maneira paradoxal, a formação desta representação paradigmática do Brasil iniciou-se na Rússia graças à tradução e publicação do clássico *best seller* inglês, o famoso romance de aventura “Robinson Crusoe” (1719) de Daniel Dafoe.³ A primeira edição russa saiu do prelo em 1762 e todos os exemplares foram vendidos na hora. Logo em seguida, o romance tinha várias reedições e adaptações e se tornou um dos líderes do mercado editorial russo. O impacto do relato das aventuras de Robinson Crusoe foi fortíssimo a tal ponto que provocou grande quantidade de imitações na literatura de massa da época. Partindo do fato que o personagem de Dafoe, salvo pelo capitão português, chega a São Salvador e passa quatro anos “nas terras férteis” do Brasil, algumas edições populares relatavam as aventuras dos “duplos” de Robinson que tinham acontecido “nas costas brasileiras da América”.⁴ Foi assim que os leitores russos, pela primeira vez, a partir do final do século XVIII, começaram a descobrir e, ao mesmo tempo, a construir em seu imaginário uma visão peculiar do Brasil. Por um lado, as descrições do Brasil se submetiam na percepção dos leitores, segundo a observação precisa de Néia Zorkáia, a “uma operação de distanciamento exótico e de cunho legendário”⁵. (Este procedimento, definido pelo semioticista russo Iú.Lotman como “recodificação”⁶, apresenta um dos traços característicos do processo de apropriação de textos de literatura “erudita” pelos gêneros de cultura de massa e/ou populares.) Por outro lado, a imagem do Brasil - um país de harmonia pura e natural, não profanado pelos “perigos” da civilização, nasce no contexto da época de Ilustração, que, na Rússia, atualizou “as esperanças utópicas” enraizadas ainda no período medieval.⁷ Portanto, seria importante destacar que a reatualização

2. O trabalho referencial na área dos estudos da imagologia no Brasil foi feito pela Profa.Dra. Celeste H.M. Ribeiro de Sousa “Do Câ e do Lá: Introdução à Imagologia”. São Paulo: Humanitas, 2004. O professor Joep Leerssen, da Universidade de Amsterdã tem realizado e publicado vários trabalhos inovadores e importantes dedicados à história dos estudos e aos conceitos teóricos da imagológica, entre outros, “The allochronic periphery: Towards a grammar of cross-cultural representation”, in *Beyond Pug's Tour: National and ethnic stereotyping in theory and literary practice*, ed. C.C. Barfoot. Amsterdam: Rodopi, 1997, 285-94; *Imagology: The cultural construction and literary representation of national character, a critical survey*, ed. M. Beller & J. Leerssen. Amsterdam: Rodopi, 2008.
3. Apud: Shur, Leonid A. *Relações literárias e Culturais entre Rússia e Brasil nos Séculos XVIII e XIX*. –São Paulo, Ed.Perspectiva, 1986, p.16
4. *Ibid*, p.17
5. N.Zorkaia. *Folclor. Lubok. Ekran.* (Folclore. Lubok. Tela.). Moscou: Iskussvo, 1994, p.15
6. Iu.Lotman. *Vnutri misliashchikh mirov* (Dentro dos mundos pensantes). Moscou: Iaziki russkoi kulturi, 1999, c.193-205
7. Iu.Lotman. *O Russkoi Literature* (Sobre Literatura Russa). S.Petersburgo: Iskusstvo –SPB, 1997, p.203

da idéia de existência do paraíso terrestre deve também à tradição russa da literatura geográfica medieval que era, segundo a definição de Iú.Lotman, “utópica em sua essência”, ou seja, ela concebia o objetivo ideal e final de viagem terrestre como chegada ao paraíso – “ao lugar com clima especialmente benéfico, adaptado para a vida humana em sentido terrestre. (...) No paraíso há solo fértil, tudo cresce por si só e em abundância”⁸. O gênero da utopia medieval construía a imagem do paraíso material, terrestre e, em consequência, a associava com terras exóticas e distantes. “À terra maravilhosa o caminho é longo”⁹.

De tudo o que foi dito pode-se concluir que, desde sua gênese, a imagem do Brasil ao se tornar corrente na cultura russa do final do século XVIII, além de desempenhar a função arquetípica de “um lugar desconhecido e distante”, facilmente integrou em sua estrutura importantes projeções utópicas do imaginário russo. A conjunção dos fatos reais com “visão do paraíso” apresenta-se como um dos traços característicos desde o início da formação da imagem do Brasil na Rússia e, como veremos adiante, seria cultivado até dias de hoje.

II. País-paraíso visto com os próprios olhos

Contudo já no início do século XIX, o Brasil deixa de ser para os leitores russos apenas uma abstração, literária e imaginária, mas, ao contrário, torna-se objeto de descrições concretas e detalhadas em toda uma série de obras de Literatura de Testemunho, que passa a ser criada graças ao “descobrimento” do Brasil por marinheiros e viajantes russos. Eles pisaram pela primeira vez na terra brasileira na véspera do Natal de 1803, quando dois navios “Nadiejda” (“Esperança”) e “Nevá” do Império Russo, sob o comando de Ivan Kruzenstern, lançaram âncora junto à Ilha de Santa Catarina. E, desde então, estas longas viagens marítimas ao redor de mundo com uma parada obrigatória no Brasil, tornaram-se regulares¹⁰. E nem eram poucos integrantes das circunavegações russas que possuíam talento literário e tiveram “o velho hábito” de escrever diários de viagem. Alguns destes registros do primeiro encontro dos russos com o Brasil chamaram atenção de importantes revistas artístico-literárias da época. Os relatos documentais sobre o Brasil começaram a ser publicados nas revistas literárias *Véstrnik Évropi*, *Teleskop*, *Poliárnaia Zvezdá* e, mais tarde, nas páginas de *Sovremiennik* e de *Otiétchestvennie Zapiski*.¹¹

8. Iu.Lotman, *Vnutri misliachikh mirov*, p.243

9. *Ibid.*, p.248

10. Segundo historiador N.Zúbov, “nas primeiras década do século XIX, as expedições russas ao redor do mundo visitavam a América do Sul quase anualmente. Na primeira metade do século XIX foram levadas a efeito 35 destas expedições, das quais 27 nos primeiros trinta anos do século.” Apud: L.Shur, *op.cit.*, p.25-26

11. *Istoria literatur Latinskoi Ameriki* (História das literaturas da América Latina). Moscou: Nauka, 1988, pp.583-633

Vista com os próprios olhos, a imagem da “terra paradisíaca” golpeou até mais substancialmente a imaginação dos viajantes russos do que as ousadas fantasias literárias.

Um dos mais brilhantes oficiais da circunavegação russa, “mão direita” de Ivan Kruzenstern, Makar Ratmánov (1772-1833), foi o primeiro a escrever em uma carta dirigida ao fundador da revista *Véstnik Évropi* (*Noticiário da Europa*), N.Karamzin: “*O Brasil é o verdadeiro paraíso terrestre*”¹².

Makar Ratmánov expressou aquele deslumbramento do primeiro encontro com a natureza exuberante e virgem do Brasil que todos os viajantes russos sentiram. Desde então, esta específica “visão de paraíso” formada pelo olhar *extraposto*, constituiria uma importante função modelizante no processo de interação cultural (ou seja, faria parte do código cultural que é definido por Iú.Lotman como uma forma de regulação necessária para a organização e desenvolvimento da informação).¹³

Na mesma edição de *Véstnik Évropi* (N16 de 1804) foi publicada a carta do outro oficial do navio “Nadiejda”, de Fiódor Romberg (? -1811) que já descreve mais detalhadamente o “*o verdadeiro paraíso terrestre*”:

*“...Tudo fascina os sentidos: florestas de árvores frutíferas, uma infinidade de flores, canteiros de ananases, odores aromáticos, uma infinidade de papagaios coloridos, colibris e outros pássaros bonitos; tudo é maravilhoso... Vejo ao meu redor fofos limoeiros, coqueiros nus, bananeiras encurvadas por causa do peso dos frutos, belas palmeiras, cafeeiros, as flores amarelas do algodão e as folhas espinhadas de onde se extrai a preciosa tinta cochonilha. Como pode um habitante do hemisfério norte ficar indiferente diante disso?”*¹⁴

Várias páginas do jornal da expedição de Kruzenstern guardaram os registros documentais de infinito entusiasmo provocado pelas maravilhas de criação Divina encontradas em terras brasileiras. Por exemplo, no dia 21 de dezembro de 1803 encontramos a seguinte anotação de Makar Ratmánov:

*“Plantas, peixes, animais... – tantas formosuras do globo terrestre reúne este país. Águas do melhor sabor e de pureza cristalina precipitam-se das altas montanhas pelos rochedos. As árvores sobrecarregam-se de frutas, os arbustos – de flores aromáticas.”*¹⁵

12. Burmistrova, L., *op.cit.*, p.39

13. Lotman, Iú, *op.cit.*, p.

14. Apud: Shur, L., *op. cit.*, p.26-27

15. Burmistrova, L., *op.cit.*, p.37

Enquanto um outro ilustre participante da primeira circunavegação russa, membro emérito da Academia de Ciências de São Petersburgo, Nikolai Rezánov (1764-1807) afirma:

“Em parte alguma vi natureza tão majestosa, quanto no Brasil. Suas obras em todos os reinos são tão numerosas, que dificilmente a vida inteira de um naturalista seria suficiente para a descrevê-las. (...)

O reino das aves surpreende a vista com novos fascínios. Que vivas as cores da penugem, que suaves matizes, que diversidade..!”¹⁶

Eram numerosos os viajantes russos que seguiram o caminho aberto pela expedição de Kruzenstern. E sempre o encontro com a natureza Divina do Brasil causava fortíssimo impacto e não deixava de encantar os russos.

Colega do Liceu e um dos amigos íntimos de Aleksander Puchkin, Fiódor Matiúchkin (1799-1872) participou na circunavegação russa dirigida por Vassili Golovnin em 1817-1819. Na véspera da sua viagem pelo mundo Matiúchkin recebeu de Púchkin longas instruções sobre como fazer o diário da viagem e no dia 5 de novembro, ao se aproximar da costa brasileira, ele anota:

“Não sei o que sinto, olhando para as majestosas rochas do Novo Mundo. A tarde acabava e o Sol escondia-se atrás das altas cordilheiras da América; lançava seus vivos raios, que aos poucos se perdiam no negro ar do céu. Um quadro maravilhoso e único; ele pode ser sentido, mas nenhuma pena seria capaz de descrevê-lo; as forças humanas não são suficientes para expressar todas as belezas da natureza.”¹⁷

Uma semana depois, Matiúchkin continua a refletir sobre o imenso impacto das paisagens brasileiros:

“Longamente olhava eu para essa natureza majestosa e selvagem. O que pode ser mais belo e fascinante do que a natureza?”¹⁸

III. Natureza versus Civilização

Entretanto, a perfeição da natureza construída pelo Criador, freqüentemente contrapõe-se à perversão e à fealdade do mundo civilizado. A típica antinomia romântica, natureza versus civilização, no prisma do tema brasileiro adquire seu caráter especialmente aguçado, porquanto a natureza harmônica verifica-se aqui

16. Ibid., p.28

17. Ibid, p.85

18. Ibid., p.90

contraposta ao caráter antinatural da escravidão no Brasil, testemunho vivo “da atrocidade humana” (segundo V. Zavóiko, autor de “*Impressões de um Marinheiro*”). O já citado amigo de Puchkin, Fiódor Matiúchkin descreve “a mais abominável” cena da escravidão que o transtornou profundamente:

“... soubemos que do litoral africano recentemente haviam chegado dois navios trazendo escravos negros; mostraram-nos quais eram e fomos até lá. Quando subimos, o mais abominável que possa ser imaginado surgiu diante dos nossos olhos.

Os pobres leprosos (lepra americana) no chão, uns gemendo de dor, outros com impaciência e fúria arrancando os abscessos junto com a carne de tanta dor; pelo navio espalha-se o ar sufocante, insuportável – excrementos por toda parte; em evidência a falta de higiene e a incúria dos portugueses. Eles almoçam tranqüilamente (estive lá ao meio-dia) não longe de um moribundo que sofre, geme e parece exalar o último suspiro. Queríamos abandonar o quanto antes essa moradia da desumanidade.”¹⁹

Os hediondos quadros da escravidão, que foram reconstituídos com pormenores documentais na literatura dos viajantes russos se converteram em forte testemunho da perda do paraíso pela humanidade que escolheu os caminhos da civilização. Porém, não conseguiram demolir a imagem da harmonia e beleza primordial da natureza brasileira.

IV. A visão do Brasil mágico

O encontro com o Brasil continua a evocar uma impressão tão forte em viajantes russos que muitos são obrigados a admitir que nenhuma palavra humanas conseguem descrever divinos milagres da criação. Na eterna oposição entre natureza e cultura, parece como se a última fosse obrigada a revelar seus limites de expressão perante a magnitude indizível da criação primordial. Mas, como aponta Iu. Lotman, cultura em sua qualidade do sistema modalizante tende estender seus limites e organizar todo o espaço extracultural, assimilá-lo a seus próprios conceitos. Sendo assim, podemos observar como a visão do Brasil se modifica com o correr do tempo se assemelhando cada vez mais ao mundo mágico e irreal.

O viajante russo Pável Novossílski anota no seu diário de 13 de novembro de 1819:

19. Ibid., p.93

“As 6 da manhã surgiu da neblina a costa do Brasil, e justamente o cabo de São Thomas. É agradável ver terra depois de uma longa navegação; mas ver pela primeira vez as costas do Novo Mundo e principalmente o litoral tropical do Brasil onde a grandiosa natureza aparece-lhe em formas novas, diversas e exuberantes, onde a sua imaginação sugere tantas coisas belas, desconhecidas, fantásticas...

*É impossível olhar para este litoral sem uma admiração especial, que é mais fácil ser entendida do que expressada”.*²⁰

Quando Dmítri Zavalíchin (1804-1892) pisou a costa brasileira em janeiro de 1823, ele já conheceu vários relatos dos viajantes russos e, em certo sentido, estava preparado para o encontro com o país, mas todavia sua impressão era fortíssimo:

*“O nosso maior prazer era o passeio pelo jardim depois do jantar. O límpido céu tropical azul escuro, semeado de inúmeras estrelas com uma luz viva e concentrada que com ar puro permite distinguir a olho até as estrelas da 12^a magnitude; a fragrância das flores noturnas, um forte odor narcótico, insuportável no quarto, mas tão agradável quando diluído ao ar livre, miríades de falenas que iluminam a verdura do jardim com sua luz cintilante, parecida com a fulguração – tudo isso elevava o prazer até o êxtase. Caminhando a passos lentos pelo jardim, nós parávamos silenciosos com freqüência para nos dar conta onde estávamos mesmo. Em que mundo mágico fomos parar, e será que o tal mundo é possível na Terra?”*²¹.

Outra testemunha ocular, médico, historiador de arte e talentoso literato Aleksei Vicheslávtsév (1831-1888) descreve a costa brasileira como se fosse uma visão mágica, completamente irreal:

*“A profundidade da baía perdia-se à distância, as ilhas se afastavam e mergulhavam na neblina transparente, as serras amontoavam-se umas sobre as outras, como se fossem massas meio aéreas; parecia que a matéria grossa desaparecia, as linhas se atenuavam e o mundo tátil ultrapassava as fronteiras do substancial”.*²²

E por fim, nos parece bem paradigmática para a formação da imagem do Brasil na Rússia a recordação da reconhecida atriz russa, Alissa Koónen (1889 –

20. Ibid., p.146

21. Ibid., p.182

22. Ibid., p.234

1974) que junto com seu marido Aleksander Taírov, fundador e diretor do Teatro Kámerni, esteve no Brasil em 1930. Para Koónen, o encontro com o Brasil parece ao verdadeiro conto de fadas:

“A chegada ao porto do Rio de Janeiro foi uma coisa inesquecível. O navio ancorou na entrada da baía de propósito. Para dar aos passageiros a possibilidade de ver a baía ao amanhecer e ao nascer do Sol. Este espetáculo foi realmente fantástico. O ar adquiria tonalidades finíssimas de azul, verde, cor de rosa, cor de laranja, como se milhões de ondas de ar substituíssem uma a outra sem parar, num movimento tremulante. Quando o navio se pôs a caminho e nesse resplendor de cores abriu-se subitamente o panorama das montanhas e da cidade, a lenda sobre o pintor que se precipitou do penhasco para a baía, por não ter conseguido reproduzir na tela essa extraordinária beleza, deixou de parecer lenda. Com a respiração presa, os passageiros no convés mantinham silêncio total.

E depois – a extraordinária cidade Rio de Janeiro. A areia luminosa da extensa praia, enormes e variegados guarda-sóis, mulheres com panteras domesticadas nas correntes. Pessoas de tudo quanto é cor: branco, cor de limão, amarelo, marrom, preto. Gigantescas palmeiras. Tudo isso parecia um conto de fadas.”²³

Certamente, observamos como *o olhar russo* (tal como qualquer olhar estrangeiro ou alheio) sobre o Brasil é parcial, e, na maioria dos casos, é preconcebido e estereotipado. Mas ao mesmo tempo, *o olhar distante* percebe, acentua e reflete algo específico e inusitado. Analisando as publicações sobre os temas brasileiros, podemos definir como, através da percepção do Brasil torna-se possível traçar as características peculiares da mentalidade russa, cuja identidade sempre era formada nas inter-relações com as culturas alheias.

V. O paradigma utópico da mentalidade russa

Através da análise da formação da imagem do Brasil na Rússia, verifica-se que em diversas obras da literatura russa do século XIX existem referências ao Brasil, o “país-paráiso”, a “terra dos sonhos”. É para o Brasil que vários personagens da literatura russa querem fugir, tentando escapar assim da realidade cotidiana da Rússia. E no século XX essa tendência continua. O mais conhecido exemplo é o do famosíssimo personagem Ostap Béndér de dois romances dos escritores soviéticos If e Petrov, “*As doze cadeiras*” (1928) e “*O bezerro de ouro*” (1931). O sonho de toda a vida de Ostap era alcançar o Rio de Janeiro, onde, ele, “entre os mulatos,

23. Ibid., p.326

todos de calças brancas, pudesse passear livremente nas praias do Atlântico, e gozar as delícias do sol tropical...”

Não é por acaso, também, que V. Maiakóvski escreveu (pela primeira vez, em sua tragédia “*Vladimir Maiakovski*” (1913) e depois repetiu em “*Mistério Bufo*”(1918):

“Falam/
por algum lugar,
– parece, no Brasil, –
existe um homem feliz”.

Estes últimos exemplos, bastante conhecidos, refletem *par excellence* a imagem paradisíaca do Brasil enraizada na mentalidade russa e, ao mesmo tempo, revelam um importante arquétipo utópico que caracteriza e estrutura a consciência nacional russa.

Bibliografia

BURMÍSTROVA, Liudmila. *Rossia i Brazília. 200 liet znakomstva*. (“Rússia e Brasil: 200 anos de conhecimento. Testemunhos de viajantes, cientistas, diplomatas, artistas e escritores russos”). Moscou, Rudomino, 2004.

BELLER, M. e LEERSSSEN, J. (orgs). *Imagology: The cultural construction and literary representation of national character, a critical survey*. Amsterdam, Rodopi, 2008

ZÉMSKOV, V. (org.). *Istória literatur Latínskoi Amériki* (“História das literaturas da América Latina”). Moscou, Nauka, 1988.

LEERSSSEN, Joep “The allochronic periphery: Towards a grammar of cross-cultural representation”, in: *Beyond Pug’s Tour: National and ethnic stereotyping in theory and literary practice*, ed. C.C. Barfoot. Amsterdam: Rodopi, 1997, 285-94.

LOTMAN, Iúri. *Vnutri misliaschikh mirov* (“Dentro dos mundos pensantes”). Moscou, Iaziki rússkoi kulturi, 1999.

_____. *O Rússkoi Literature* (“Sobre Literatura Russa”). S.Petersburgo, Iskusstvo –SPB, 1997.

SOUSA, Celeste R. *Do Cá e do Lá: Introdução à Imagologia*. São Paulo, Humanitas, 2004.

SHUR, Leonid A. *Relações literárias e Culturais entre Rússia e Brasil nos Séculos XVIII e XIX*. São Paulo, Perspectiva, 1986.

ZORKAIA, Néia. *Folclor. Lubok. Ekran*. (“Folclore. Lubok. Tela.”). Moscou, Iskusstvo, 1994.